



## A FEMINILIDADE LUNAR NA LÍRICA DE ADÉLIA MARIA WOELLNER

NEUKIRCHEN, Clarice Braatz Schmidt  
(UNIOESTE) <sup>1</sup>

*“Poesia é a transfiguração/ da realidade em beleza,/ pela magia das palavras.” (Helena Kolody).*

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo investigar a recorrência à imagem “lua” na obra da poeta curitibana Adélia Maria Woellner, salientando a analogia estabelecida entre tal imagem e a da mulher. A imagem da lua, desde a antiguidade, relaciona-se à fecundidade e ao ciclo perene de vida e morte, remetendo, por isso, à feminilidade. Na poesia woellneriana, essa significação é reiterada, ou seja, ocorre a incorporação de significados atribuídos a esta imagem em culturas antigas como a grega, por exemplo. A análise será pautada em autores como Chevalier e Gheerbrant, Gilbert Durand e Alfredo Bosi, entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lua; feminilidade; poesia.

**ABSTRACT:** This paper aims to investigate the resort to the image of the “moon” in the work of the poet from Curitiba, Adélia Maria Woellner, emphasizing the analogy established between this image and the woman. Since ancient times, the image of the moon has been related to fertility and to the eternal cycle of life and death, and, as a consequence, to the femininity. In the Woellner’s poetry, this meaning is recurrent: the poet incorporates the meanings given to the moon from the ancient cultures, as, for example, the Greek culture. The analysis will be based on authors as Chevalier and Gheerbrant, Gilbert Durand and Alfredo Bosi, among others.

**KEY-WORDS:** Moon; femininity; poetry.

### A IMAGEM DA LUA EM DISTINTAS MITOLOGIAS

A imagem da lua, desde tempos muito antigos, tem sido associada à figura feminina. Segundo Chevalier e Gheerbrant (1993), tal imagem possui vasta

significação, sendo um símbolo ao qual o homem recorreu em todas as épocas, desde os tempos imemoriais, até o momento presente, e sempre de maneira muito generalizada. É fonte de lendas e mitos, sendo que sua imagem também é atribuída às deusas Ísis, Hécate e Artêmis (ou Diana). Segundo Gustav Schwab (1994), Artêmis, assim como seu irmão gêmeo Apolo, seria uma divindade da morte. Posteriormente, haveria ocorrido uma fusão entre Apolo e o deus-sol Hélio, e entre Artêmis e a antiga deusa-lua Selene. Após esta fusão, Apolo passa a designar o deus da sabedoria, e Artêmis, a deusa da fertilidade. Era, geralmente, representada com uma lua crescente nos cabelos ou na mão. Lucina, deusa que na mitologia romana seria o equivalente à Diana, também era representada com uma lua nos cabelos, considerada a personificação da castidade e dos nascimentos. Já Hécate seria a deusa dos fantasmas e da magia. Diana e Hécate seriam, respectivamente, representação do aspecto favorável e do aspecto temível da lua. Hécate, inclusive, era representada com três cabeças, levando sobre a testa uma tiara com a crescente lunar. Cogita-se que as três cabeças atribuídas a esta figura mitológica representariam as distintas fases da lua. A deusa Egípcia Ísis, por sua vez, é considerada a deusa da natureza, que traz as cheias ao rio Nilo, tornando, assim, a terra fértil. Contam os mitos egípcios que esta deusa, após a morte de seu marido, o deus Osíris, teria ido habitar a lua, advindo daí a crença de que as chuvas torrenciais, que caem por influência lunar, nada mais seriam que as lágrimas de Ísis, que chora o amado morto.

Na mitologia da maioria dos povos indígenas do Brasil, a imagem do sol e da lua também é relacionada ao princípio masculino e feminino, respectivamente. Seriam uma espécie de casal cósmico que influenciaria nas transformações da vida, sendo que a união de ambos representaria o equilíbrio do universo.

Para a mitologia chinesa, o sol seria a representação do princípio ativo Yang, e a lua, do princípio passivo Yin, o que também reitera a feminilidade atribuída ao princípio lunar e a masculinidade ao elemento solar.

## IMAGENS, SÍMBOLOS E POESIA

As imagens e os símbolos fazem parte das contribuições da memória ao fazer poético. Possuem significados e sentidos que remontam a tempos imemoriais, mas que, nem por isso, deixam de atribuir significado às realidades contemporâneas. Segundo Alfredo Bosi (1977), tanto as imagens amadas quanto as temidas tendem a se perpetuar em nossa memória. Primeiramente, o objeto abrir-se-ia à visão, entregando-se como aparência. Posteriormente, tenderíamos a ligar esta aparência com o que nos pareceu, deixando aberta a propriedade da evocação. Para Bosi, as imagens construídas de um objeto teriam

sua organização perceptiva desenvolvida desde a primeira infância, tendo, assim, um passado que as constituiu dentro das vivências de determinado indivíduo.

A poesia pode ser considerada como uma das vias mais eficazes através da qual é possível que se dê a rememoração destas imagens primitivas que se encontram fossilizadas no imaginário humano, uma vez que a ordem imanente do trabalho poético estaria na unidade de sentidos articulada entre memória e fantasia.

Conforme observam estudiosos como Maurice Halbwachs (1990) e Ecléia Bosi (1994), quando nascemos, já existe uma memória que nos será passada por nossos predecessores, a qual nos dará uma identidade, bem como nos enraizará em determinado meio social. Nesta memória coletiva inscreve-se, também, a memória mítica, ou seja, aquela parte da memória em que são conservados os mitos, imagens e símbolos que fazem parte do arcabouço imaginário de todos os povos, regulando as tradições, isto é, a cultura das sociedades e que, passando de geração em geração – mesmo que de forma inconsciente – contribui com a formação da memória individual. As significações atribuídas aos símbolos no decorrer da história humana também estão relacionados a esta perenização das imagens por meio da memória. A associação da imagem da lua à imagem da mulher exemplifica isso, apresentando-se como uma reconstrução, na literatura contemporânea, dos mitos antigos que preconizavam tal similaridade.. Os saberes que os seres humanos perpetuam por meio da memória, e dos quais não se pode nem mesmo ter precisão de quando surgiram, encontram-se presentes em todas as produções humanas e, no caso das imagens e símbolos, principalmente na poesia.

#### A LUA NA LÍRICA DE ADÉLIA MARIA WOELLNER

Na lírica de Adélia Maria a imagem lua está relacionada à mulher, ao poeta e ao ser humano, entre outros. As várias possibilidades que o símbolo comporta encontram-se expressos nos diferentes significados atribuídos à imagem analisada. No poema "Adaptação", por exemplo, nota-se a presença da analogia entre a lua e o ser humano:

A lua  
repousou no mar  
e se fez branco barco,  
para viver as emoções.

Aprende a flutuar  
para usufruir  
sensações não conhecidas.  
Só assim pôde  
enfrentar tempestades  
e retornar, melhor,  
ao porto de origem.  
(WOELLNER, 1997, p. 09).

Neste poema, o sujeito lírico confere emoções à lua, recorrendo à personificação. A imagem, de forma mais generalizada, representa não somente o gênero feminino, mas também o masculino. O eu lírico afirma que a lua precisou tornar-se branda, para, assim, conseguir enfrentar as tempestades e somente então poder voltar a seu porto de origem. Analogamente, a lua relaciona-se ao ser humano, sendo que, no dizer do eu lírico, o homem precisaria aprender a agir suavemente diante das dificuldades para conseguir encontrar sua essência. Há referências, também, a uma memória atávica, quando o eu lírico declara que a lua voltou ao “porto de origem”, quando se permitiu flutuar “para usufruir / sensações não conhecidas”, ou seja, a busca de sensações desconhecidas levou-o a retornar às suas origens.

A relação da imagem da lua com as origens também se faz presente no poema “Herança”:

Óvulo da estrela  
acariciado pelo sol,  
fecundada fui  
no útero da lua.

Sou filha do firmamento.  
(WOELLNER, 2004, p. 113).

Aqui, a lua é personificada como uma espécie de mãe da humanidade. São os dois astros, lua e sol, que se unem, fecundando o eu lírico, que se considera “filha do infinito”. Esta filiação cósmica aponta para uma potencialidade de volta às origens, de busca da essência perdida. Esta analogia entre mãe-lua e pai-sol também fica evidente em outros poemas de Woellner, como em “Céu de outono” (*Sons do silêncio*, 2004, p. 65) “Cantares” (*Sons do silêncio*, 2004, p. 88) e “Lua-cheia” (*Sons do silêncio*, 2004, p. 117), os quais não serão apresentados neste artigo.

Outra característica humana atribuída à lua é a sensualidade, verificada no poema “Consagração”:

A lua,  
nua,  
sensualmente ondulava  
no balanço  
das águas do lago.

Os olhos

Nesse momento,  
o céu  
encheu-se de luzes.

(WOELLNER, 1990, p. 23).

dos astros  
brilharam de admiração.

Para o eu lírico, a lua seria a responsável pelo céu repleto de luzes, visto que estas luzes não seriam senão os olhos brilhantes de fascinação dos astros que a observam nua refletida no lago. As ondulações da imagem da lua no lago também emprestam um clima de sensualidade ao poema. Já a forma como a poeta articula elementos fictícios à imagem real do céu estrelado atribuem uma espécie de encantamento ao poema. De acordo com Maria Luiza Ramos, a imagem da lua estaria, via de regra, relacionada ao enfeitamento, observando que “é a lua que preside ao desejo e também ao insight, à intuição, matriz de todo ato criador” (2000, p. 118), o que, de certa forma, justifica a sensualidade atribuída à lua no poema, além de dar pistas, também, do porquê desta imagem associar-se à busca das realidades originais.

A imagem da lua, para Chevalier e Gheerbrant, tem sido ligada à beleza desde Ibn al-Mottaz, segundo o qual a maneira de se descrever algo excessivamente belo e de extrema perfeição seria compará-lo à lua. Esta ligação da imagem da lua com a beleza pode ser observada, igualmente, no poema “Noite de lua cheia”, em que, novamente, aparece implicitamente a sensualidade e beleza da lua:

Espevitada  
e atrevida,  
a luz,  
no alto do arranha-céu,  
tentava,  
despudorada e inutilmente,  
competir  
com a branca e cheia lua,  
para provocar  
arrepios  
na pele azul do céu...  
(WOELLNER, 1997, p. 71).

A luz, no alto de um arranha-céu, tenta competir com a esplendorosa lua, para ganhar a atenção do céu. Observando-se os adjetivos “atrevida” e “despudorada”, e o advérbio “inutilmente”, percebe-se que, para o eu lírico, não há possibilidades da luz nem mesmo competir com a “branca e cheia lua”, mais sensual e mais bela que a luz refletida no alto do arranha-céu. Segundo Chevalier e Gheerbrant (1993), a cor azul atribuída a um objeto, no caso do poema, à pele do céu, representaria o caminho

em direção ao infinito, “onde o real se transforma em imaginário”, ou seja, o azul, neste poema, simbolizaria o ingresso no mundo dos sonhos, da divagação.

A face sensual e bela da lua pode ser vista, ainda, no poema “Presença”:

Estremeci,  
porque a lua,  
de tão esplendorosa,  
fez ruído  
ao nascer...  
(WOELLNER, 1997, p. 77).

Novamente, fica em evidência a extrema beleza da lua. A chegada desta não pode passar despercebida, já que sua beleza é tão grande que chega a causar ruído.

Na poesia woellneriana, a imagem “lua” está, geralmente, ligada ao gênero feminino. Algumas vezes, apresenta-se neutra, mas dificilmente masculinizada. Assim ocorre na cultura da maioria dos povos, entre os quais é comum a referência à lua como mulher e esposa do sol. São pouquíssimas as culturas que atribuem à lua o gênero masculino. Entre os povos que emprestam caráter masculino à lua, vale destacar os índios gês do Brasil central, para os quais a lua seria uma divindade masculina; e os povos semíticos, para os quais a lua seria do sexo masculino e o sol feminino. A imagem do sol, em oposição, refere-se, na maioria das vezes, ao gênero masculino, como se observa no poema “Desilusão”:

Sol, calor, cores.  
Explosão de energias  
incontidas.  
Momentos intensos,  
barulhentos.  
É a vida estourando  
de amor.  
E, de repente,  
noite opaca,  
a lua escorregando,  
fazendo esforço  
para se agarrar no firmamento.  
Cansada,  
desiste.  
Não importa o tombo.

Seu sol se foi.  
(WOELLNER, 1990, p. 31).

Primeiramente, apresentam-se no poema imagens do dia, representadas pelas cores, energia, explosão, barulho, etc. Pouco a pouco, o poema vai perdendo a luminosidade inicial, o dia transforma-se em uma “noite opaca”, e o poema torna-se melancólico e silencioso. A lua pode ser comparada a uma mulher abandonada por seu parceiro, ou seja, por seu “sol”. Já o “dia” vai aos poucos sendo transformado. Liga-se, assim, a um relacionamento, que se inicia euforicamente, e que vai aos poucos perdendo seu brilho, até acabar-se. A lua, totalmente dependente, vai escorregando no firmamento até desaparecer, ou seja, sem “seu sol”, torna-se insignificante, correndo até mesmo o risco de desaparecer.

Para Chevalier e Gheerbrant (1993), a acentuada correlação entre lua e gênero feminino deve-se, além de significar a periodicidade, renovação e a fecundidade, ao princípio feminino, ou seja, levando-se em conta o fato de a lua apenas refletir a luz do sol, não possuindo luz própria, representaria a “fragilidade e dependência feminina”.

Já no poema “Magia I”, a lua é o próprio eu lírico, ao declarar:

Eu, lua  
gestante-crescente  
em noite de plenilúnio,  
para dar  
à luz  
meu próprio sol...  
(WOELLNER, 1997, p. 60).

A lua em fase crescente simboliza a castidade e o nascimento, além de representar o princípio feminino da fragilidade e dependência proposto por Chevalier e Gheerbrant. No entanto, no poema “Magia I”, pode ser comparada a uma mulher auto-suficiente, que, ao gerar seu “próprio sol”, não precisará mais apenas refletir a luz do sol, tendo, a partir daí, a luminosidade gerada por ela própria. Há, desta forma, uma negação à pressuposição de que o princípio feminino seja a fragilidade e dependência. Logo, constata-se que o fato de Woellner atribuir feminilidade à lua não indica que, necessariamente, também atribuirá fragilidade e dependência ao gênero feminino.

A lua aparece, na poesia woellneriana, também como quem alimenta e gera, como podemos observar no poema "Nutriz":

No corpo  
do mundo,  
a lua  
é seio farto,  
que alimenta  
o sonho  
dos enamorados  
e dos poetas...  
(WOELLNER, 1997, p. 73).

Nos versos acima, a lua assume a forma de uma musa inspiradora. É ela que dá aos poetas, bem como aos apaixonados, o alimento que necessitam para viver. Nota-se que, assim como alimentaria o poeta, alimentaria também os enamorados. Da mesma forma, no poema "Retorno I", é a lua que mostra o caminho ao poeta:

Em vôos inesperados,  
penetrei na noite dos tempos,  
pretendendo desvendar mistérios.  
Sem compreender a linguagem dos símbolos,  
perdi-me no infinito.  
Para o meu regresso,  
estrelas solidárias se uniram,  
formando caminho no espaço.  
O sol rasgou-se  
em luz,  
indicando o ponto de retorno.  
No céu,  
apenas a lua  
serviu de farol aos navegantes solitários.  
(WOELLNER, 1997, p. 87).

Podemos observar que Adélia Maria enriquece seus poemas através das analogias de que se utiliza. Comparando a imagem do navegante solitário ao poeta, a lua pode ser considerada a musa inspiradora, que mostra o caminho a este, dando significação aos versos deste. Novamente, percebe-se a menção do eu lírico a uma



memória atávica. A “noite dos tempos” pode ser considerada esse tempo imemorial no qual o poeta mergulha buscando decifrar seus próprios mistérios. Inesperadamente o eu lírico ingressa nesta “noite dos tempos”, pretendendo desvendar mistérios inscritos na linguagem dos símbolos. Ao não conseguir decifrá-los, perde-se no infinito. No entanto, ao ser guiado pela lua, consegue reencontrar seu caminho. Vale lembrar que a lua é um símbolo que designa o conhecimento indireto, designa “a luz na imensidão tenebrosa”. Assim, pode-se observar que, primeiramente, é o sol quem se rasga em luz, sendo que por meio dos reflexos desta luz, a lua dá ao eu lírico o conhecimento necessário para que este se reencontre.

Já no poema “Procriação” é a lua que dá à luz ao poema, ou seja, ela não só inspira, mas também gera:

As ancas das nuvens  
estremeceram,  
se agitaram e,  
maciamente,  
deram à luz -  
esbelta,  
pequenina,  
a lua nasceu.  
Tímida no crescimento,  
às vezes se escondia,  
maternalmente protegida.  
Fases vencidas,  
maduramente mulher,  
redondamente grávida,  
atrevida e ousadamente  
ocupou o enorme espaço  
e pariu  
forte e inigualável  
luz,  
que excitou a emoção...

inspiração fecundada,  
o poema nasceu.  
(WOELLNER, 1990, p. 59).

A lua, primeiramente tímida e maternalmente protegida pelas nuvens, vence fases da vida, amadurece, e agora ousada e atrevida, ocupa seu espaço. Assim como no poema "Magia I", no poema "Procriação" a lua é quem dá vida. Novamente, pode-se perceber a representação do gênero feminino como auto-suficiente.

Segundo Leopardi (*apud* BOSI, 1977), a poesia é um exercício próprio da empatia, semelhanças e proximidade. Ele afirma que o poeta consegue passar de maneira nova e original experiências cotidianas, conseguindo, assim, arrancar o homem do tédio do contemporâneo. O poeta teria o poder de absorver imagens e recorrências do mundo de hoje, tirando, ainda, do passado e da memória o direito à existência. Este passado não seria um passado morto, mas o passado denso o bastante para ser "reevocado pela memória da linguagem" (p. 112). O autor observa que a produção do poema dá-se no encontro heterogêneo dos tempos. É o que pode ser observado nos poemas de Woellner, em que ocorre o entrecruzamento de tempos, havendo sempre este exercício constante de "empatia, semelhanças e proximidade" preconizado por Leopardi.

## CONCLUSÃO

A poesia é um gênero literário que apresenta os sentidos e os valores humanos transmutados em imagens e símbolos. As crenças e inquietudes de uma sociedade podem ser observados nos poemas dos autores que dela fazem parte, mesmo que de forma implícita. É o que se observa nos poemas em que a imagem da lua é utilizada, em que a analogia com a mulher revela muitos dos conceitos estabelecidos na sociedade a respeito da mulher.

Os poemas de Adélia Maria comportam uma vasta possibilidade de leituras, como é o caso dos poemas que apresentam a imagem "lua". A poeta fixa sua contemplação em determinado objeto, e, por meio da reflexão sobre os mesmos, reinterpreta-os. Woellner alia contemplação e imaginação na criação de seus poemas, ou seja, além de, por meio da contemplação, apreender a realidade de forma singular, associa esta realidade a imagens fictícias, metáforas e analogias, dando vida a seus versos. Na lírica de Adélia Maria, o mundo é evidenciado e reinventado como um espetáculo digno de contemplação.

## NOTAS

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela UNIOESTE. Professora do curso de Letras da UNIOESTE, Campus de Cascavel.

Esta investigação faz parte da pesquisa realizada para a elaboração da Dissertação de Mestrado em Letras intitulada "Tempo e memória na lírica de Adélia Maria Woellner", orientada pelo Prof. Dr. Antonio Donizeti da Cruz, defendida na UNIOESTE, *Campus* de Cascavel.

## REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.
- RAMOS, Maria Luiza. *Interfaces: literatura, mito, inconsciente, cognição*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.
- SCHWAB, Gustav. *As mais belas histórias da Antigüidade clássica*. V. 2. São Paulo: Paz e Terra, 1994.
- WOELLNER, Adélia Maria. *Avesso meu*. Joinville, SC: Ipê, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Infinito em mim*. Curitiba: Editora da autora, 1997.